

Moacyr Scliar



Um reduto da paixão

O primeiro adjetivo que me ocorre para descrever o centenário Colégio Júlio de Castilhos é “libertário”. O Julinho sempre foi isso, um reduto da liberdade, uma escola de democracia. O que inspirava certa desconfiança: falava-se da “esculhambação” juliana. Bendita esculhambação. O certo é que grandes figuras da política e da intelectualidade gaúcha passaram por lá; nem vou citar nomes, porque são centenas.

Passsei no Júlio quatro anos, mas foram quatro anos de emoção. A começar pelo incêndio que destruiu o tradicional prédio da João Pessoa. Naquele dia teríamos exame de latim e eu, CDF convicto, levantei-me de madrugada para estudar. Tonto de sono, não conseguia concentrar-me, por causa das sirenes dos bombeiros. Quando, atravessando a Redenção como sempre fazia, cheguei ao colégio, não pude acreditar no que via: um montão de ruínas fumegantes diante das quais professores e alunos abraçavam-se, chorando.

O Julinho sobreviveu. Transferido para as acanhadas instalações do Arquivo Público, na Riachuelo, continuou funcionando. E funcionava esplendidamente por muitas razões, entre elas a cumplicidade afetiva entre professores e alunos. Os professores eram famosos; alguns até tipos caricaturais, como o Mello, um gênio da matemática. Distraído como todo gênio, Mello um dia entrou no banheiro das gurias – naquele momento

vazio – e sentou no vaso, com a porta aberta. Logo em seguida sou a campainha do recreio e foi aquele escândalo. Todo o mundo foi lá para ver. Sentado no vaso, Mello cumprimentava sorridente os alunos. Finalmente apareceu o diretor, que não se conteve e explodiu: “Como é o que o senhor faz um coisa dessas?”. “Eu estava apertado”, foi a singela resposta do Mello.

No Julinho fiz, pela primeira vez, um discurso político. Reunidos no pátio, os estudantes discutiam se fariam greve ou não (pelo visto, o tema é eterno). De repente, e num arroubo, subi na mureta que lá havia e desapareci, de um jato, toda minha retórica esquerdista. Fez-se um silêncio e alguém gritou: “O Scliar tem razão, vamos embora.” O “vamos embora” naturalmente esperava apenas um pretexto, mas por um instante tive a sublime ilusão de estar mudando o rumo da História.

No Julinho vivi também um estranho caso de amor. Naquela época as turmas eram masculinas ou femininas. A sala onde tínhamos aulas, à tarde, era utilizada por uma turma de gurias, pela manhã. Um dia, colocando meus livros sob a carteira, encontrei um bilhete de uma anônima colega propondo correspondência. Durante ano, por essa Internet dos pobres, trocamos mensagens cada vez mais fogosas. Nunca passou disso. Sempre nos amamos, mas nunca nos vimos. Era parte do mistério. Mas era, sobretudo, parte da paixão juliana.

Cartas, recados, e-mails – Nada melhor do que fazer aniversário no mesmo dia do Colégio Júlio de Castilhos (principalmente se é o centenário do Julinho). Assinalada a coincidência na excelente matéria publicada sobre o colégio aqui em Zero Hora, recebi uma avalanche de mensagens, vindas do pessoal da casa, Oziris Marins, Flávio Martins, Armindo Antônio Ranzolin, Ana Amélia Lemos, do presidente da Fiergs, Renan Proença, do deputado Germano Bonow, do escritor Jaime Vaz Brasil, de Sérgio Bechelli, da direção do Shopping Praia de Belas e de muitas, muitas outras gentis pessoas, a quem agradeço. *** José

Diário de Bordo

Eugênio C. Carvalho (Tapejara, RS) cumprimenta pela crônica “Memórias de um quase pianista”, em que descrevi minhas aventuras no teclado, e diz que a história daria um filme. O que me sensibiliza muito, José Eugênio. Só não me peçam para tocar a trilha musical ao piano. *** O Walter Erwin Gress gostou do texto que escrevi sobre o cineasta João Salles, aquele que fez o polêmico contato com o traficantemente Marcinho VP (aliás, foi notável o debate com ele na Casa de Cultura Mário Quintana, como notável é o seu documentário). O Walter, a propósito, tem dois diplomas, como muita gente - mas é uma combinação notável: ele é economista e teólogo. Ou seja, estuda as coisas materiais e espirituais a um só tempo. Um exemplo que o ministro Malan bem poderia seguir. *** Jayme J. Oliveira (Novo Hamburgo, RS) não gostou do pronunciamento em que o governador Olívio Dutra condenou o lucro. Pergunta o Jayme: “Então os milhões de grandes, médios e pequenos empresários que proporcionam empregos e impostos são merecedores da execração pública?” Fica aí a pergunta. Meu palpite: acho que o governador, homem sensato, estava se referindo ao lucro como obsessão, como objetivo primário (e egoísta) da atividade. Mas não resta dúvida que suas palavras se prestam a diversas interpretações. *** O lendário professor Alexandre Roche e a STB Turismo promovendo, em junho, uma excursão a Paris e ao interior da França. É turismo mais cultura, uma grande combinação. *** Sidney Charles Day (Porto Alegre) gostou de Regras da Vida (“Aborda objetivamente o problema do aborto”) e do Michael Caine. O Sidney, que escreveu em meados da semana passada, foi profético: Caine ganhou o Oscar. O que fez justiça à sua notável carreira. *** O Ronaldo Moreira Brum, que é psiquiatra, coloca em dúvida a decisão dos médicos ingleses que liberaram o ditador Augusto Pinochet do julgamento, sob a alegação de que o general não tinha condições de intelecto para entender o julgamento. Quer dizer, pergunta o doutor Brum, que se um Hitler tivesse Alzheimer não poderia ser julgado, se para isso houvesse oportunidade? Uma questão que me parece oportuna, mesmo porque não se trata apenas do julgamento de um homem, mas daquilo que ele representou, do regime que o colocou no poder. Talvez não se possa julgar o homem Pinochet, mas deve-se certamente julgar o caso Pinochet. *** Dia 11 de abril, às 19h, fala na Federação Israelita (rua João Telles) o jornalista Hélio Daniel Cordeiro, que conhece profundamente a questão dos cristãos-novos no Brasil. *** A nossa grande Bebel ganhou mais um prêmio: a melhor ilustração no Salão Internacional de Desenho para Imprensa. Eu disse e vou repetir: figura em destaque no meu currículo o fato de que esta página é ilustrada pela Bebel. Guardem minhas crônicas, leitores. Não pelas crônicas, pelas ilustrações. *** Um grande nome condicionando destino: o homem que vendia lotes na “Cidade dos ETs” chama-se Urandir Fernandes de Oliveira, cujas iniciais formam a sigla UFO. Nem o Spielberg bolaria essa.